

**GUERRA DO PEIXE: A SOMBRA DO PASSADO QUE ATERRORIZA O  
PRESENTE, JANAUCÁ, 1973.**

*Estudante(a) Alrimar Barbosa Pucu<sup>1</sup>  
Orientador(a) Leno Jose Barata Souza<sup>2</sup>*

**RESUMO:** A pesquisa surgiu da necessidade de entender os conflitos territoriais na região do lago de Janauaca, especificamente a chamada "Guerra do Peixe" de 1973, que envolveu agricultores e pescadores locais. O documentário de Elaíze Farias, divulgado em 2012 no Portal A CRÍTICA, revelou que os temores sobre a recriação desses conflitos ainda persistem na comunidade, o que reforçou a importância de aprofundar o estudo histórico. O objetivo principal do meu trabalho é preservar e valorizar a memória coletiva de Janauaca, ao mesmo tempo em que busco promover o respeito mútuo entre os habitantes da região. Este projeto tem grande relevância, pois ao recuperar a história do lago de Janauaca, resgatamos uma parte fundamental da identidade local, que muitas vezes foi esquecida ou negligenciada. Esse entendimento sobre o passado é crucial para que as gerações atuais e futuras compreendam melhor o presente e se orientem para um futuro mais harmonioso. Portanto, os resultados da pesquisa têm um impacto prático: ao identificar as causas e consequências desses conflitos, podemos contribuir para a formulação de políticas públicas e práticas de gestão territorial mais eficazes. Aprender com o passado é essencial para promover uma convivência pacífica e sustentável entre as comunidades que compartilham o mesmo espaço geográfico.

**Palavras-chave:** Conflitos territoriais. Guerra do Peixe em Janauaca 1973. Agricultores versus pescadores.

## **1. Introdução**

A Guerra do Peixe, um episódio marcante ocorrido em 1973 na região de Janauacá, é um evento que ainda reverbera nas comunidades de pescadores e agricultores que viveram e presenciaram seus horrores. Situada a 50 km de Manaus, entre os municípios de Careiro e Manaquiri, a região de Janauacá abriga uma rica diversidade geográfica e cultural, com seus lagos, igarapés e áreas de pesca que são, até hoje, um sustento vital para muitos moradores.

No entanto, foi nesse cenário que ocorreu o conflito histórico que deixou marcas profundas nas relações entre as comunidades locais.

---

<sup>1</sup> **Alrimar Barbosa Pucu** está graduando no curso de Licenciatura em História mediado por tecnologia pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA. E-mail: alrimar\_barbosa@hotmail.com

<sup>2</sup> **Leno José Barata Souza** é Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2010). Professor Assistente na Universidade Estadual do Amazonas – UEA. E-mail: ljsouza@uea.edu.br

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

As principais comunidades envolvidas no conflito foram a do Tilheiro, conhecida por sua atividade pesqueira, e a do Lago do Italiano, que concentra predominantemente agricultores. O estopim da guerra foi a disputa sobre o direito de pesca em uma área específica, o Lago do Italiano, que foi considerado território proibido para os pescadores.

A tentativa de alguns pescadores de lançar suas malhadeiras no lago gerou um clima de tensão que culminou em confrontos violentos entre as duas comunidades. O impacto do evento, ainda é sentido até os dias de hoje, não apenas pela memória do sofrimento, mas pela divisão que permanece entre pescadores e agricultores, uma dicotomia que tem moldado a convivência social da região por mais de cinco décadas.

Este conflito, embora de proporções locais, revela as complexas questões territoriais, sociais e econômicas que marcam a história de Janauacá. Ao investigar as memórias dos que viveram o episódio, é possível perceber como a guerra do peixe não foi apenas um confronto físico, mas também um choque de identidades, interesses e modos de vida.

Por meio de entrevistas com sobreviventes e moradores da região, como o Sr. José Pucu de Oliveira e o Sr. Antônio Cascais de Oliveira, além de registros jornalísticos como o da jornalista Elaíze Farias, do portal A Crítica, descobrimos relatos que oferecem uma visão vívida dos horrores da guerra. Relatos como os de José Pucu, que, em entrevista realizada em 2012, descreveu os momentos de terror que vivenciou durante o conflito, trazendo à tona não só o sofrimento, mas também a resistência da comunidade local diante das adversidades.

É importante reconhecer que a história não é uma simples sucessão de eventos, mas um processo dinâmico e contínuo de reinterpretações. Assim, ao refletir sobre a Guerra do Peixe, busco não apenas narrar um acontecimento que está presente nas memórias de muitos, mas também compreender como esse fato histórico pode contribuir para uma análise mais profunda das relações entre as comunidades de Janauacá.

As histórias de pescadores como de José Pucu, que testemunhou a violência, ou de Dona Delzuita Pucu, que compartilhou suas memórias de medo e perda, revelam os impactos duradouros desse conflito na vida cotidiana das pessoas e nas relações de poder e identidade local.

Durante minha pesquisa de campo, que envolveu entrevistas orais, coletei diversos relatos que expõem as tensões não resolvidas entre os pescadores e os agricultores, uma

divisão que ainda persiste até hoje. As disputas territoriais, que começaram no Lago do Italiano, continuam a ser um ponto sensível na região, refletindo a fragilidade das relações entre os dois grupos. Este processo de reinterpretação da história local não é apenas uma forma de resgatar a memória, mas também de compreender como os eventos do passado continuam a afetar as escolhas, as relações e as tensões sociais presentes nas comunidades de Janauacá.

O trabalho, ao se aprofundar na análise histórica e nas entrevistas orais, busca também investigar a resiliência das comunidades locais diante do sofrimento e das dificuldades impostas pela guerra. Como aponta o geógrafo Milton Santos (1996), a comunidade não é apenas um espaço físico, mas um conjunto de relações e práticas que moldam a identidade de seus integrantes. Assim, as comunidades de Janauacá, embora divididas por um passado de conflito, também demonstram uma incrível capacidade de adaptação e reconstrução. Mesmo após aquela guerra, há uma forte presença de vínculos familiares, sociais e culturais que, aos poucos, ajudam a reconstituir o tecido comunitário.

A abordagem metodológica adotada para esta pesquisa é interdisciplinar, envolvendo história, sociologia, antropologia e ecologia, com o intuito de proporcionar uma análise mais completa das dinâmicas locais. Ao considerar não apenas os relatos dos moradores, mas também o contexto ecológico da região, podemos compreender melhor como os recursos naturais e a geografia influenciam diretamente nos conflitos entre os moradores. A pesca no Lago de Janauacá, rica em diversas espécies de peixes, sempre foi uma das principais fontes de subsistência para as comunidades locais, o que torna o território não apenas um bem físico, mas também simbólico e vital para a manutenção da identidade e do modo de vida dos pescadores e agricultores.

Esta pesquisa não busca apenas resgatar a memória do conflito, mas também contextualizar seu impacto nas gerações seguintes. Ao investigar as causas profundas e as consequências de longo prazo da “Guerra do Peixe”, o estudo oferece uma oportunidade de reflexão sobre como eventos históricos podem continuar a moldar as identidades coletivas e as relações interpessoais em uma região.

A memória coletiva das comunidades de Janauacá, portanto, não é apenas uma recordação do passado, mas um elemento vivo que influencia o presente e pode ajudar a resolver as tensões que ainda persistem.

Em última análise, o objetivo deste relato de experiência é destacar a importância de preservar a história local, compreender as complexas relações entre os diferentes grupos e promover o ensino da história de maneira inclusiva e crítica. Ao compartilhar essas histórias, espero contribuir para a construção de um futuro mais harmonioso para a região de Janauacá, onde as memórias de um passado conflituoso possam servir de base para a construção de pontes entre as comunidades de pescadores e agricultores.

Através deste trabalho, busco não apenas analisar as memórias das vítimas e sobreviventes, mas também promover uma compreensão mais profunda e empática das complexidades e desafios enfrentados por essas comunidades.

## **2. Materiais e métodos / Procedimentos metodológicos**

O projeto em questão investigará os conflitos territoriais em Janauaca, especialmente a "Guerra do Peixe" ocorrida em 1973, e ainda como esse fato acontecimento impacta a comunidade atualmente:

Batizada de “Guerra do Peixe”, o conflito de mais de 50 anos atrás perdura como uma lembrança desagradável em quem passou pela experiência. Nos lados opostos estavam os agricultores da comunidade Lago do Italiano e os pescadores da comunidade do Tilheiro - muitos deles eram parentes.

Farto em várias espécies de peixe, a majestosa região do Lago do Janauacá (cortado por igarapés, furos e lagos menores) foi o epicentro da “guerra”, mas o pivô foi o Lago do Italiano. A insistência de alguns pescadores em lançar sua malhadeira na área proibida para pescar curimatã, tucunaré, pirarucu, tambaqui, descontrolou os agricultores (PORTAL A CRÍTICA, MARÇO DE 2012).

Para a realização desta pesquisa, será adotada uma abordagem metodológica interdisciplinar. A pesquisa histórica será realizada através da análise de fontes oficiais e jornalísticas da época. Além das entrevistas realizadas com moradores locais, como o sr, Antônio Oliveira Cascais e Dona Delzuita Pucu de Lima Figueiredo pescadores que vivenciaram os conflitos, para coletar relatos de testemunhas oculares e entender melhor as perspectivas e memórias locais sobre a guerra:

O que vi foi, quando eles chegaram (agricultores) encostaram o barco do lado do barco do Adail que estava parado ao lado do flutuante, e eles

vinheram com vontade de acabar com tudo, o sr. Adail<sup>3</sup> falou pra eles que podiam quebrar às caixas e jogar os peixes na água e foi o que aconteceu, quebraram tudo e jogaram todos os peixes, aproximadamente seiscentos tambaquis, o Aluísio irmão do Antônio Praia me chamaram pra ir confrontar os agricultores eu disse, rapaz, eu não vou não. Não vou porque não tenho nenhuma arma, eu só vou de peito abanando, só vou morrer, eles são muitos e todos armados com espingarda entorno de dezessete. O único que tinha um rifle calibre 44 era o “xicaca” ele correu pegou e quis disparar contra o pessoal que tinham invadido o flutuante da coração. Pra infelicidade do Zeca Batista<sup>4</sup> e do João Piranha<sup>5</sup> o barco deles vinha chegando da pescaria do lago e o pessoal invadiram logo e ele disse pro rapaz, vocês podem quebrar a minha caixa, mas só depois que eu tiver morto. Não deu outra coisa, ele estava com uma faca na mão e ainda feriu um sr. Conhecido como “NAL”<sup>6</sup> líder dos agricultores, que também foi ferido com uma paulada que o João Piranha deu nele. Foi quando o Zeca Batista virou de lado e foi alvejado pelo sr. Cândido<sup>7</sup> que atirou nele, ele correu pra cima e deu outro tiro, e o Zeca caiu na água e só foi encontrado no outro dia, quem achou ele foi EU com um espinhel (anzol em uma corda). Acertaram o João Piranha também, mas ele morreu dentro do barco bem ao lado da sala de máquina, (ANTÔNIO OLIVEIRA CASCAIS, fev, 2024)<sup>8</sup>

As entrevistas revelarão memórias dos moradores locais sobre a guerra do peixe, compreender as motivações, os impactos e as consequências do conflito na vida das pessoas e na comunidade como um todo, no documentário da jornalista Elaíze Farias do Portal A CRÍTICA, março de 2012, o entrevistado diz:

Um grupo foi recrutado para reagir à invasão do Lago do Italiano. Quem não se escondeu no mato, entrou nos barcos. Foi o caso de Anísio Monteiro Aragão, de 77 anos, agricultor que, após a confusão, chegou a ficar 90 dias preso na Cadeia Pública Desembargador Raimundo Vidal. A briga feia que resultou na morte (por tiros) de dois pescadores – conhecidos como João Sarapó e Zeca Batista – foi fruto de uma reação em cadeia que começou com o avanço para o Lago do Italiano por um pescador chamado Valdir Silva. “Fizeram uma reunião e o pessoal saiu convidando todo mundo para ‘empatar’ a pesca. Sempre fui contra esse negócio de guerra. Chegaram aqui com um motor onde já havia umas 100 pessoas. Entrei e fomos com a intenção de quebrar a caixa de peixe desse Valdir Silva. Foi aí que começou o negócio”, relata.

---

<sup>3</sup> Sr. Adail Pucu Canavarro, foi o primeiro pescador a ser confrontado pelos agricultores.

<sup>4</sup> Sr. Zeca Batista era pescador e foi a primeira vítima fatal da guerra.

<sup>5</sup> Sr. João Piranha era pescador e foi a segunda vítima da guerra.

<sup>6</sup> O sr. Identificado somente como “NAL” foi apontado como o líder dos agricultores que culminou na “Guerra do Peixe”.

<sup>7</sup> O sr. Identificado como “Cândido” foi acusado de desferir os disparos que causaram mortes e ferimentos nos pescadores.

<sup>8</sup> Entrevista oral com o sr. Antônio Oliveira Cascais, sobrevivente da guerra.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

O grupo se multiplicou, chegando a incríveis 380 pessoas, um número que colocava em extrema desvantagem os pescadores, estimados em 30 pessoas. A guerra fluvial aconteceu em uma área que divide o Lago do Italiano e o Tilheiro, quando um grupo de pescadores que voltava de Manaus revidou ao ataque dos agricultores.

Do ponto de vista metodológico, o depoimento é uma rica fonte oral para entender as dinâmicas sociais, culturais e econômicas da região, especialmente relacionadas às tensões sobre a pesca e o controle dos recursos naturais. É importante ressaltar que a fala da senhora Delzuita oferece um olhar subjetivo e pessoal sobre o conflito, repleto de memórias, mas também de nuances e silêncios que podem ser essenciais para a compreensão de como os eventos foram vividos por aqueles que estavam diretamente envolvidos, em sua fala diz:

Esse incidente, ele aconteceu assim; na aquela data tinha uma festa que acontecia todos os anos na comunidade do Boa Vista, festa de fim de ano. Aí, o pessoal do italiano tinha uma rinha com o senhor que se chamava Valdir Silva<sup>9</sup> (pivô da guerra), que não morava no Boa Vista (Rio Branco) somente os familiares (parentes) que moravam lá. Ele tinha um barco de pesca, ele morava no Solimões e vinha pescar nessa área que era proibida, e aí o pessoal achava que ele tinha vindo pra pescar, foi quando o pessoal da comunidade do italiano se revoltou, foram lá com ele, falar que não podia pescar ali, porque era proibido, ali era uma reserva. E aí o Valdir se irritou e disse que pra quebrar as caixas dele e o barco era pra quebrar do pessoal da comunidade do Tilheiro que segundo ele também pescavam ali. Foi quando eles vieram aqui para o lado do tilheiro, o pessoal se juntaram e vieram trazendo os que apoiavam e os que não apoiavam, todos eram obrigados a participar da Guerra, lá de cima do barranco da comunidade a gente via eles parando todas as canoas que iam pra festa e enchendo os barcos de gente para levar e confrontar os pescadores do tilheiro, a primeira parada foi no flutuante da dona coração, como era conhecida o esposo dela era pescador e comprador de peixe, o sr. Adail Pucu Canavarro, disse, vocês quebram as caixas e jogam os peixes na água, mas não quebrem o meu barco, eles entraram no barco com muita raiva, e como eram muita gente né, e tudo revoltado, pegaram entraram no barco dele, quebraram todas as caixas de gelo, jogaram as caixas com peixe, jogaram tudo. Nessa hora vinha dobrando a ponta do cemitério o barco do Zeca Batista, que era pescador, e do João Piranha, João Sarapó estava no barco com eles, esses três foram vítimas fatais desse confronto, foram mortos a tiros de espingardas, o Zeca Batista foi atirado e caiu na água e só foi encontrado dias depois, e o João Figueiredo, primo do meu marido (João sarapó) como era conhecido foi alvejado com tiros de espingarda no rosto e caiu dentro do barco, o João Canavarro (João piranha), Zeca Padeiro, Raimundinho Batista também

---

<sup>9</sup> Sr. Valdir Silva foi acusado de instigar a “Guerra” contra os pescadores.

foram baleados, sendo que João Piranha morreu em decorrência dos ferimentos, todos eles eram pescadores e moradores daqui (Tilheiro Janauaca). Foram momentos de terror e desespero, muitos fugiam pro mato, outros escondendo seus utensílios de pesca, outros fugiam atravessando o rio nadando, foi terrível. (DELZUITA PUCU DE LIMA FIGUEIREDO, fev, 2024)<sup>10</sup>

A jornalista Elaíze Farias do Jornal A CRÍTICA encontrou um sobrevivente que participou ativamente da guerra, sendo ele alvo de disparos de arma de fogo:

José Pucu de Oliveira tinha 20 anos quando se envolveu na “Guerra do Peixe”. Ele foi o único pescador que participou do confronto encontrado pela reportagem do jornal A CRÍTICA. Morador do Tilheiro, exercia a profissão que era também a da maioria dos moradores da comunidade. Oliveira descreve o episódio como “horroroso e traiçoeiro”.

“Era véspera de ano novo. Esse Valdir Silva, morador do Igarapé do Gorani, em frente ao Lago do Italiano, botou uma caixa no barco do pai dele e foi pescar na área onde não podia. O pessoal quebrou a caixa dele. Foi quando eles (agricultores) juntaram o povo e foram quebrar o resto”, lembra Oliveira, que vive em Manaus desde 1985, junto com a mulher e com os filhos.

Zeca Batista, que morreu durante o confronto, era cunhado de José Pucu. Foi Batista que, chegando “da cidade” (Manaus), teria começado o conflito. “Era ele e mais o João Piranha. Tudo foi no meio do lago. Atiraram no João Sarapó, meu primo, que morreu. Atiraram em mim também. A bala entrou no meu braço esquerdo e pegou chumbo na minha barriga”, diz ele, que chegou a ficar hospitalizado em Manaus.

Segundo Oliveira, o clima de confronto era comum antes mesmo da guerra. “A gente sempre dizia: ‘amanhã vem o quebra-quebra’. Mas nunca imaginava que iria acontecer alguma coisa como aquela”, afirma. Na conta de Oliveira, foram presas cerca de 700 pessoas.

“Fui eu que, junto com o delegado, fomos nas (casas) comunidades prender as pessoas. A polícia pegou todo mundo, mas apenas 11 ficaram na penitenciária. Um deles foi o Anísio (Aragão)”, diz.

### 3. Resultados e discussão

A pesquisa sobre a Guerra do Peixe, ocorrida em 1973 em Janauacá, revelou-se uma jornada profunda e significativa, permitindo explorar a intersecção entre memória e história. O contexto histórico da guerra e suas repercussões na comunidade local foram amplamente discutidos, mas a forma como esses eventos são lembrados e interpretados pelos habitantes é o que realmente enriquece a compreensão do passado.

---

<sup>10</sup> Entrevista oral com a sra. Delzuita Pucu de Lima Figueiredo, prima de uma das vítimas.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A partir das afirmações de Halbwachs (2013) e Pierre Nora (1993), este relato busca analisar a complexidade dessa relação e como ela se manifesta nas narrativas coletivas de Janauacá, abaixo segue alguns dados importantes deste relato para nossa compreensão da desproporcionalidade do evento ocorrido:

Danos Materias	Mortes Pescadores	Feridos Pescadores	Quantitativo Pescadores	Armas De Fogo	Danos Materias	Mortes Agricultores	Feridos Agricultores	Quantitativo Agricultores	Armas De Fogo	Total de Presos
Caixas Isopor	3	3	30	1	0	1	2	380	17	
Barcos										
Peixes										
Malhadeiras										
Canoas										700

Halbwachs (2013, p. 100-1) afirma que uma simples reconstituição de fragmentos de um acontecimento passado não é suficiente para obter uma lembrança histórica. Essa perspectiva sugere que a memória não é um registro fiel e estático do passado, mas sim uma construção dinâmica que é constantemente moldada pelo contexto social e pelas narrativas em circulação. Essa dinâmica é crucial, pois permite que a memória se adapte e ressignifique ao longo do tempo, refletindo as necessidades e as realidades da comunidade.

Por sua vez, Pierre Nora (1993, p. 24) argumenta que, na interação entre memória e história, é a memória que dita e a história que escreve. Isso destaca a importância de adotar uma abordagem cuidadosa e contextualizada ao estudar a memória histórica, onde os eventos reais são entrelaçados com relatos historiográficos. Esse entrelaçamento é essencial para uma compreensão mais holística da história de Janauacá e dos impactos da Guerra do Peixe.

A noção de “mal do passado” de Pollak (1989, p. 12) também se torna pertinente neste contexto. Pollak enfatiza a importância da investigação histórica para entender e interpretar o passado de um local específico. Em Janauacá, essa abordagem é fundamental para desvendar as camadas de significados e as diferentes versões dos eventos históricos que moldaram a identidade e a memória coletiva da comunidade.

Ao longo da pesquisa, percebi que a memória coletiva de Janauacá não é apenas um reflexo dos eventos passados, mas um ativo crucial na construção da identidade da comunidade. As narrativas sobre a Guerra do Peixe são permeadas por sentimentos de injustiça, perda e resistência, revelando a busca por reconhecimento e reparação. Essas

memórias, ao serem recontadas, não são meras recordações; elas estão entrelaçadas com a identidade cultural dos moradores.

As histórias que coletei durante as entrevistas foram ricas e multifacetadas. Muitas vezes, os moradores não apenas relembavam os eventos da guerra, mas também como esses eventos influenciaram suas vidas e suas relações. Cada relato trazia uma perspectiva única, formando um mosaico de experiências que compõe a narrativa coletiva da comunidade. Essa diversidade de vozes é essencial para entender a complexidade da memória histórica de Janauacá.

Durante meu trabalho de campo, a escuta ativa se revelou uma ferramenta fundamental. As entrevistas se tornaram momentos de troca intensa, quando os moradores puderam expressar suas experiências de forma aberta. Essa prática não apenas valorizou as narrativas individuais, mas também permitiu que eu compreendesse as nuances das emoções associadas a esses relatos.

A presença de sentimentos de injustiça e perda foi uma constante nas conversas. Muitos moradores expressaram o desejo de que suas histórias fossem reconhecidas e que a memória da Guerra do Peixe fosse preservada. Essa busca por reconhecimento não se limita ao âmbito individual; é uma luta coletiva que busca validar a experiência de toda a comunidade.

A pesquisa me levou a refletir sobre a construção da memória coletiva e seu papel na formação da identidade. Halbwachs (2013) sugere que a memória é uma construção social, e isso se manifestou claramente nas narrativas de Janauacá. As histórias contadas não eram apenas relatos dos eventos, mas também reflexões sobre o que esses eventos significaram para os moradores. A memória, portanto, torna-se um espaço de resistência e afirmação da identidade cultural.

A análise das narrativas coletadas revela que, para muitos, a Guerra do Peixe não é apenas um evento isolado, mas um símbolo de luta e resistência. Esse símbolo é fundamental para a coesão da comunidade, pois promove um senso de pertencimento e solidariedade entre os moradores. O compartilhamento dessas histórias fortalece os laços comunitários e reforça a importância da memória coletiva.

O diálogo entre memória e história, conforme proposto por Pierre Nora (1993), se torna evidente ao considerar as narrativas de Janauacá. Enquanto a história é frequentemente vista como uma disciplina objetiva, as memórias coletivas trazem uma

dimensão emocional que enriquece a compreensão dos eventos. A pesquisa revelou que a história oficial muitas vezes não captura a totalidade da experiência vivida pelos moradores, e é aqui que a memória desempenha um papel crucial.

Através da análise dos relatos coletados, percebi que a memória coletiva de Janauacá é um reflexo da luta e da resiliência de seus habitantes. As narrativas sobre a Guerra do Peixe, permeadas por sentimentos de injustiça e perda, também revelam uma busca por reconhecimento e reparação.

Assim, a história local não é apenas um registro de eventos, mas um espaço onde as experiências vividas continuam a moldar a identidade da comunidade. Essa constatação é crucial, pois a memória não apenas revive o passado, mas também fornece uma base para a construção do futuro.

A pesquisa em Janauacá destacou que a memória coletiva atua como um mecanismo de resistência. Ao recontar as histórias da Guerra do Peixe, os moradores não estão apenas lembrando de um evento traumático; estão reivindicando seu lugar na narrativa histórica.

A memória se transforma em um ato político, em que o reconhecimento das injustiças passadas é fundamental para a construção de uma identidade coletiva que resista ao esquecimento. Nesse sentido, a história local é um campo de batalha, onde diferentes narrativas competem pela legitimidade e pela visibilidade.

A partir dessa perspectiva, a análise histórica não apenas esclarece os eventos passados, mas também contribui para a construção de uma narrativa mais inclusiva e precisa. Reconhecer a complexidade e a multiplicidade de perspectivas envolvidas na formação da memória histórica de Janauacá é um passo fundamental para validar as experiências de todos os indivíduos afetados pela Guerra do Peixe. Cada relato, cada memória, adiciona uma camada à compreensão do que significa viver em uma comunidade marcada por traumas históricos.

É nesse emaranhado de experiências que encontramos o verdadeiro valor da pesquisa: não apenas documentar, mas também compreender as interconexões que formam a identidade coletiva.

Durante meu trabalho de campo, pude vivenciar momentos significativos de interação com os moradores de Janauacá. As entrevistas foram momentos de troca intensa, quando pude ouvir histórias que traziam à tona não apenas eventos, mas também

emoções profundas. A experiência de ouvir as narrativas pessoais me fez entender a importância de dar voz a quem viveu esse evento. Esse processo é fundamental para promover um diálogo entre passado e presente, que é crucial para a construção da memória coletiva.

Cada relato que coletei se tornou um testemunho da resiliência humana. A forma como os moradores falavam sobre suas experiências com a Guerra do Peixe revelou não apenas dor, mas também uma inabalável vontade de preservar a memória do que ocorreu. Essas histórias são frequentemente acompanhadas por sentimentos de injustiça, e é essa emoção que motiva a busca por reconhecimento e reparação. Assim, o ato de recordar torna-se, simultaneamente, um ato de resistência e um apelo à ação.

A pesquisa também me proporcionou reflexões sobre a própria natureza da história. Muitas vezes, a história é vista como uma disciplina objetiva, mas minha experiência em Janauacá desafiou essa visão. A história é contada a partir de perspectivas diversas, e cada um tem sua própria narrativa que merece ser ouvida e respeitada. Essa constatação reforçou a ideia de que a história deve ser um espaço democrático, onde as vozes marginalizadas possam ser incluídas. A inclusão de diferentes perspectivas não apenas enriquece a narrativa histórica, mas também promove um senso de pertencimento entre os indivíduos da comunidade. Quando todos têm a oportunidade de contar suas histórias, a memória coletiva se torna mais robusta e representativa.

O papel do pesquisador também é significativo nesse processo. Em minha atuação, busquei não apenas ser um observador, mas um facilitador de diálogos. A escuta ativa e o respeito pelas narrativas locais foram fundamentais para construir uma relação de confiança com os moradores. Essa confiança permitiu que os relatos fluíssem de maneira mais autêntica e rica. O resultado foi um mosaico de histórias que, juntas, formam um retrato complexo e multifacetado da “Guerra do Peixe”.

Ao considerar a noção de “mal do passado” de Pollak, percebo que a investigação histórica não é apenas uma busca por fatos, mas um exercício de compreensão e empatia. A dor e a luta de uma comunidade não podem ser simplesmente catalogadas; elas precisam ser sentidas e reconhecidas. Esse reconhecimento é essencial para a cura coletiva e para a construção de uma narrativa que honre a memória de todos os envolvidos. A pesquisa histórica, portanto, não é uma atividade neutra; ela carrega um peso emocional e social que deve ser cuidadosamente considerado.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

A partir dessas reflexões, sobre a Guerra do Peixe em Janauacá não apenas ampliou meu entendimento sobre a relação entre memória e história, mas também me ensinou a importância de uma abordagem inclusiva e sensível. Através da escuta ativa e do respeito às narrativas locais, podemos construir uma história que não só documenta o que aconteceu, mas também dá voz àqueles que vivenciaram o evento, garantindo que suas experiências e lembranças sejam parte integrante do nosso entendimento do passado.

Essa jornada me mostrou que a pesquisa histórica é uma tarefa contínua e dinâmica, em que a memória desempenha um papel vital. O legado da Guerra do Peixe vive nas memórias e histórias da comunidade de Janauacá, e é nosso dever como pesquisadores e narradores respeitar e preservar essas vozes. A história não é um conjunto de datas e fatos isolados, é uma tapeçaria de experiências humanas interligadas que, quando cuidadosamente tecidas, oferecem uma visão mais rica e abrangente do que significa ser parte de uma comunidade.

A busca por novas histórias e pelo reconhecimento destas é uma jornada compartilhada. As memórias coletivas são um recurso poderoso que pode ser utilizado para a educação e a conscientização sobre injustiças passadas. Isso é especialmente relevante em um mundo onde a história é frequentemente apagada ou ignorada. A pesquisa que realizei não é apenas sobre o passado de Janauacá, mas sobre como esse passado pode informar e influenciar o presente e o futuro.

Portanto promover a paz em uma comunidade marcada por um conflito territorial, como o da "Guerra do Peixe" de 1973 em Janauacá, envolve a criação de estratégias que respeitem tanto a memória histórica quanto os desafios atuais. A partir da análise do contexto histórico, é possível traçar uma abordagem multidisciplinar que envolva as secretarias de educação, meio ambiente, cultura e turismo para promover a reconciliação e a paz duradoura.

Sec. Educação: Integrar nos currículos escolares a história local, incluindo a Guerra do Peixe e seus impactos, de uma maneira que promova o entendimento e o respeito entre as gerações mais jovens. A educação pode desempenhar um papel vital na reconstrução de laços e na superação de traumas históricos, ao ensinar as novas gerações sobre a importância do respeito às diferenças e da resolução pacífica de conflitos.

Sec. Meio Ambiente: O conflito territorial em Janauacá está relacionada à disputa pelo uso dos recursos naturais (pesca). A Secretaria de Meio Ambiente pode trabalhar na

criação de estratégias de uso sustentável do manejo que envolvam tanto agricultores quanto pescadores, estabelecendo zonas de uso compartilhado ou acordos que protejam o meio ambiente enquanto atendem às necessidades de ambos os grupos.

Sec. Turismo: Criar um projeto de turismo que valorize o potencial da região de Janauacá, promovendo o ecoturismo e o turismo regional entre outros, ao mesmo tempo em que promove a reconciliação e o entendimento entre as comunidades. Isso pode envolver visitas guiadas que contém a história local e a transformação do conflito em uma oportunidade para o crescimento e a paz.

Ao refletir sobre minha experiência neste relato, reconheço que a memória é um legado que deve ser cuidadosamente preservado e transmitido. Os relatos da Guerra do Peixe não são apenas histórias de um evento histórico; eles são testemunhos de uma comunidade que se recusa a esquecer e que luta por um futuro onde suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Como pesquisadores, temos a responsabilidade de garantir que essas vozes não se percam, mas sejam integradas à narrativa mais ampla da história, servindo como um lembrete constante da importância da justiça, da memória e da resiliência.

#### **4. Considerações finais ou conclusão**

A "Guerra do Peixe", ocorrida em 1973, deixou marcas profundas na comunidade de Janauacá, revelando um conflito territorial entre agricultores e pescadores que ainda ressoam na região. Através de entrevistas e relatos históricos, foi possível entender as motivações e os impactos desse episódio, que, além de gerar mortes e prisões, dividiu famílias e comunidades. Esse evento continua sendo um reflexo das tensões territoriais, sociais e econômicas locais, com implicações duradouras para a convivência entre os grupos.

O que mais me impressionou foi a resiliência das comunidades diante do sofrimento e da divisão gerada pelo conflito. Mesmo com as tensões ainda presentes, é possível notar o esforço contínuo para reconstruir as relações e preservar os vínculos familiares e culturais. Ao aplicar uma abordagem interdisciplinar, pude entender melhor como o contexto geográfico e os recursos naturais também influenciaram as disputas locais.

Este trabalho não apenas me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre o impacto da guerra, mas também me fez refletir sobre a importância de preservar a memória histórica. A partir da experiência compartilhada pelas comunidades de Janauacá, busco contribuir para um futuro mais harmonioso, onde o passado de conflitos possa servir de base para a construção de pontes e para a superação das divisões.

## 5. Fontes

**CASCAIS, Antônio Oliveira.** Entrevista concedida a Alrimar Barbosa. Distrito de Janauaca, 13 de fevereiro de 2024. Gravação de áudio.

**FARIAS, Elaíze.** A guerra do peixe: memória e resiliência das comunidades de Janauaca. *A Crítica*, 2012. Disponível em: <http://www.acritica.com>. Acesso em: março de 2024.

**FIGUEIREDO, Delzuita Pucu de Lima.** Entrevista concedida a Alrimar Barbosa. Distrito de Janauaca, 13 fevereiro de 2024. Gravação de áudio.

**PUCU DE OLIVEIRA, José.** Entrevista concedida a Elaíze Farias. Distrito de Janauaca, março de 2012. Gravação de áudio.

## 6. Referências

ABREU, Georgete Cabral de. **Território da pesca:** o uso do espaço aquático no Baixo Rio Solimões - Município de Manacapuru – Amazonas - Brasil. Artigo apresentado no “VII Congresso Latino-americano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas, 2010”.

ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil.** São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

BATISTELLA, Alexandre Milaré et al. Conhecimento dos moradores da comunidade de Boas Novas, no Lago Janauacá – Amazonas, sobre os hábitos alimentares dos peixes da região. *Acta Amazônica*. N. 54, vol. 35(1) 2005; 51-54. Disponível em: <https://acta.inpa.gov.br/fasciculos/35-1/PDF/v35n1a07.pdf>. Acesso em: 20/03/2024.

CARVALHO, F. M. 1980 a. Alimentação de Mapará (*Hypophthalmu sedentatus* Spix 1829) do Lago Castanho, Amazonas (Siluriformes, Hypophthalmidae). *Acta Amazônica*, 10(3):545-555. Disponível em: <https://acta.inpa.gov.br/fasciculos/10-3/PDF/v10n3a10.pdf>. Acesso em: 20/03/2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Rios e Lagos**: a apropriação das águas pelos camponeses ribeirinhos na Amazônia In: Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades.

BRAGA, Gil Ivan Sérgio (Org.). Manaus: Edua, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MOURÃO, Maria Helena Carvalho. **Territorialização camponesa no Lago Janauacá** - municípios do Careiro e Manaquiri-AM. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo: 10. dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Recebido em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_